



## OS COMENTÁRIOS DE NAPOLEÃO BONAPARTE A *O PRÍNCIPE*, DE MAQUIAVEL, CONTIDOS EM NOTAS DE RODAPÉ

Vanessa Carnielo Ramos\*

Maquiavel escreveu sua obra, *O príncipe*, no ano de 1513, causando polêmicas que se estendem até os dias atuais, uma vez que é visto como uma espécie de manual para a ação política. Tal livro é de extrema importância, sobretudo no universo político, uma vez que significou um marco da racionalidade política que inaugurou a modernidade. No entanto, fato interessante e pouco analisado são as notas de rodapé escritas por figura tão importante na história mundial como Napoleão Bonaparte. O fato é que não se trata de simples notas e sim de comentários construídos a partir das experiências vividas por Napoleão.

Não obstante o tema notas de rodapé seja inusitado, não é descabido dentro da historiografia. Entretanto, a edição comentada por Napoleão chama a atenção pela função desempenhada pelas notas de rodapé, geralmente utilizadas para explicar algo pouco explícito no texto principal ou para citar as fontes utilizadas na pesquisa, já Napoleão as utiliza para comentar os escritos de Maquiavel. Dessa forma, o objetivo do presente texto é tentar analisar as notas de rodapé da obra *O príncipe* que foram utilizadas por Napoleão Bonaparte para expor suas experiências como líder político, de forma que possamos compreender a representação da obra de Maquiavel no pensamento político do imperador francês. Nesse sentido, nosso trabalho consiste num esforço para apreender a dimensão interpretativa registrada nas notas de rodapé escritas por Napoleão. São, no total, 773 notas que contam as batalhas enfrentadas por ele, bem como as atitudes tomadas em períodos de decisão.

---

\* Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás – UEG – ex-bolsista do CNPq pelo projeto: “Os alicerces da Casa Grande e da Senzala: análise historiográfica das notas de rodapé”, coordenado pelo professor Eliézer Cardozo de Oliveira. Mestranda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP.



Para tanto, é necessário *a priori* conhecermos melhor quem foi Napoleão Bonaparte e sua importância não somente na história da França, mas em toda a Europa. Em termos estruturais este trabalho está dividido em três tópicos: 1) Napoleão Bonaparte e sua biografia; 2) Um breve panorama dos usos de notas de rodapé na historiografia e 3) A dimensão interpretativa da obra *O príncipe* nas notas de rodapé de Napoleão. No primeiro tópico, intentamos expor de forma breve quem foi o personagem por nós analisados e sua representatividade no cenário político mundial. No segundo, um esboço argumentativo acerca da importância – normalmente pouco estudada – das notas de rodapé como recurso retórico-argumentativo na historiografia e obras de ciências humanas em geral. E, por fim, em nosso último tópico intentamos analisar de que forma os comentários de Napoleão Bonaparte, em forma de notas de rodapé, explicitam uma dimensão interpretativa peculiar do pensamento político de Maquiavel.

### **Napoleão Bonaparte e sua biografia**

Napoleão Bonaparte nasceu em Ajaccio<sup>78</sup>, aos 15 de agosto de 1769, e faleceu em Santa Helena<sup>79</sup>, aos 05 de maio de 1821. Tornou-se figura importante no cenário político mundial ao apoiar a Revolução Francesa e, posteriormente, ter se tornado Imperador da França. No período em que esteve no poder, conquistou grandes partes do continente europeu e atuou polemicamente na política francesa.

Bonaparte ascendeu ao poder por meio do conhecido “Golpe 18 Brumário”<sup>80</sup> em que a etapa da Revolução Francesa, conhecida por “Diretório”, foi derrubada, estabelecendo-se o início do período napoleônico. Neste momento, a sociedade francesa passava por intensas agitações revolucionárias e contra-revolucionárias em que de um lado, estava a burguesia insatisfeita com os jacobinos<sup>81</sup> e, de outro, as tradicionais

---

<sup>78</sup> Ajaccio é uma cidade francesa localizada na ilha da Córsega.

<sup>79</sup> Santa Helena é território britânico ultramarino, localizado praticamente no meio do Atlântico Sul.

<sup>80</sup> O referido golpe foi realizado em 1799 por Napoleão Bonaparte, simbolizando o fim do Diretório e instalando-se o Consulado.

<sup>81</sup> Esta era a denominação dada à fração da burguesia revolucionária radical.



monarquias européias que viviam com o receio de que os ideais revolucionários, que atingiram a França durante a revolução, se espalhassem por toda a Europa. Podemos dividir o período denominado “Era Napoleônica” em três: Consulado (1799-1804); Império (1804-1815) e Governo dos Cem Dias (1815).

No período do Consulado, podemos identificar características republicanas. O poder foi centralizado e dominado por militares. No entanto, neste mesmo período, foram criadas ainda instituições com caráter democrático, com o objetivo de disfarçar seu centralismo. Tais instituições foram o Senado, o Tribunal, o Corpo Legislativo e o Conselho de Estado, porém, o responsável pelo exército, política externa, leis e nomeação de membros da administração era sempre o primeiro-cônsul, Napoleão Bonaparte.

Por meio de suas ações reformistas deste período, a França fortaleceu seu comércio e indústria, recebendo estímulos à produção e ao consumo interno. No que se refere ao direito, Napoleão estabeleceu o Código Napoleônico (1804) favorecendo, principalmente, interesses burgueses, além de um Código Penal instituído em 1809. Após várias ações políticas, Napoleão elevou-se ao nível de cônsul vitalício, dando início a um regime monárquico.

A nova fase do governo napoleônico foi instalada em 1804, iniciando, assim, o Império, período em que a França atingiu sua maior extensão. Napoleão realizou várias conquistas territoriais, tomando posse de grande parte da Europa, passando a ter o exército mais poderoso da época. Entretanto, o governo inglês, percebendo ameaça expansionista francesa, forma coligações internacionais em sua oposição, gerando diversas batalhas.

Como tentativa de derrotar ou debilitar os ingleses, Napoleão decretou o *Bloqueio Continental* (1806). A partir de então, ficava determinado que todos os países europeus deveriam fechar os portos para o comércio com a Inglaterra. Dessa forma, debilitavam as exportações do país e causavam uma crise industrial. Tal bloqueio afetou diversos



países que estabeleciam comércio com os ingleses, até mesmo Portugal<sup>82</sup>, que não cumpriu com os termos do tratado. Porém, o país lusitano não foi o único a desobedecê-lo, a Rússia também quebrou a aliança franco-russa e passou a ser o alvo dos ataques do exército napoleônico, que, por sua vez, foi derrotado.

Após algumas batalhas em Paris, Napoleão foi obrigado a renunciar, porém, posteriormente, força sua volta ao poder, dando início ao “Governo de Cem Dias”. Devido à insatisfação da maior parte da Europa, Napoleão foi exilado em Santa Helena, local de seu falecimento.

Visto que o objetivo deste artigo é analisar os comentários de Napoleão Bonaparte contidos nas notas de rodapé de *O Príncipe*, é necessário compreender como se dá o uso dessas notas nos textos históricos.

### **Um breve panorama dos usos das notas de rodapé na historiografia**

A maioria das obras da historiografia utiliza notas de rodapé com objetivo de contar histórias que não consideram tão importantes para estar no texto principal, para explicar conceitos utilizados ao longo da página ou ainda, citar fontes que foram utilizadas no sentido de construir as hipóteses do autor. No entanto, raramente se encontra um livro específico que trate da história das notas de rodapé, bem como sua importância na constituição de um livro. As notas são utilizadas, muitas vezes, como artifício retórico argumentativo, de maneira a tentar justificar a ideia esboçada no texto principal. Não obstante, existem críticas profundas em relação às notas de rodapé, uma vez que ocorre a transmissão de um processo de leitura contínua para uma leitura descontínua, ou seja, ocorre uma quebra, uma parada no texto para se remeter a outro assunto – aprofundamento deste ou alguma citação –, para posteriormente o leitor retornar ao texto principal. Outra crítica existente, referente às notas, se dá em relação à influência do autor em sua confecção, bem como o entendimento do leitor. Segundo

---

<sup>82</sup> O bloqueio continental levou a família real portuguesa a se transferir para o Brasil em 1808, contribuindo para criar as condições para o processo de independência da colônia luso-americana.



Grafton (1998), a nota somente permite que o leitor entenda seu conteúdo se souber os códigos utilizados para a escrita de notas de rodapé ou se o leitor tiver acesso ao computador ou anotações do autor. Para este autor, essas notas exercem duas funções:

Em primeiro lugar, elas convencem: convencem o leitor de que o historiador realizou uma quantidade aceitável de trabalho, o suficiente para mentir dentro dos limites toleráveis do campo. Em segundo lugar, indicam as principais fontes que o historiador realmente usou. Embora as notas de rodapé comumente não expliquem o curso exato da interpretação que o historiador fez desses textos, elas muitas vezes dão ao leitor que possui um espírito suficientemente crítico e aberto pistas para permitir que o imagine – em parte. (Grafton, 1998, p. 30)

Embora o tema “notas de rodapé” ainda seja pouco estudado, este demonstra ser de extrema importância para a compreensão textual. As notas são instrumentos textuais bastante antigos, seu uso documentado remonta aos comerciantes fenícios da Antiguidade que colocavam notas nos papiros, com o objetivo de aprimorar as explicações das transações comerciais. Já no Império Romano os intelectuais utilizavam abundantemente das notas de rodapé e mesmo na Idade Média elas eram utilizadas para explicar, aos recém-convertidos e pouco alfabetizados líderes políticos europeus, aspectos específicos da religião cristã. No entanto, as modernas notas de rodapé estão relacionadas às inovações técnicas que acompanharam a difusão do livro no ocidente; por exemplo, a utilização da ordem alfabética para ordenar verbetes de dicionário e enciclopédias, uso do sumário e do índice para informar sucintamente ao leitor sobre os assuntos, publicação de obras de referências sobre determinados assuntos, etc. A partir do século XVII, as notas de rodapé tiveram um significado especial para o conhecimento histórico, pois há muito são usadas como instrumentos de objetividade e de erudição crítica.

Entre os historiadores, o surgimento da indução estava ligada à da nota de pé de página. O termo ‘nota de pé de página’ não deve ser tomado literalmente. O importante era a difusão da prática de dar algum tipo de orientação ao leitor de um texto particular sobre aonde ir para encontrar a evidência ou



informações adicionais, fosse essa informação dada no próprio texto, à sua margem (“nota lateral”), ao pé (“nota de página” ou “de rodapé”), ao final ou em apêndices especiais de documentos. (Burke, 2003, p.184)

Entretanto, este método crítico exigia que o historiador citasse as fontes utilizadas para a escrita do texto, de forma que oferecesse ao leitor uma comprovação do que estava escrito, para não dar a impressão de ser um texto sem fontes e baseado somente no senso comum. Assim, existia uma ligação entre as fontes e as notas de rodapé, uma vez que era ao fim da página que o leitor encontraria o “endereço” das fontes utilizadas. É neste período que encontramos obras com uma abundância de notas, inclusive sobre as próprias notas de rodapé.

Posteriormente, a partir do século XVIII, as notas serviram também para o diálogo entre os diversos historiadores, ou seja, ao expressar nas notas de rodapé uma concordância ou mesmo discordância de pesquisas realizadas por outros historiadores. Não obstante, já no século XIX, elas perdem um pouco do prestígio conquistado até então neste percurso histórico. Vários historiadores deste período utilizaram das notas de rodapé, no entanto, receberam críticas devido à forma de se escrevê-las.<sup>83</sup>

Sendo assim, atualmente, as funções das notas de rodapé no trabalho histórico são de natureza diversa. São utilizadas tanto para fazer referência à fonte usada na pesquisa histórica ou mesmo à bibliografia de apoio, ou ainda para desenvolver alguns assuntos que não foram aprofundados no texto principal, recomendar alguma leitura<sup>84</sup>, corroborar ou refutar alguma ideia de um colega historiador, entre outras diversas funções expressas por tal instrumento técnico-teórico.

---

<sup>83</sup> Ranke é um exemplo de historiador do século XIX que utilizou várias notas de rodapé, porém foi alvo de críticas referentes ao detalhismo de suas fontes e de seu vício pela vida em arquivos. Grafton afirma que a erudição de Ranke e a sua dedicação às pesquisas documentais deram base para o melhor desenvolvimento das notas de rodapé como conhecemos hoje (*op. cit.*).

<sup>84</sup> Em algumas vezes os historiadores podem somente citar a obra e em outras silenciosamente põem o sutil, porém mortal, “cf” que significa “compare”, para que o leitor examine outra possibilidade, mesmo que não seja a visão do autor. No entanto, nem todos conhecem tais códigos. Dessa forma, aqueles que não conhecem correm o risco de ler as notas apenas como simples informações, ao contrário do leitor ciente dos códigos que percebem a argumentação e as críticas.



Atualmente, segundo Grafton, as notas de rodapé são bastante utilizadas entre os historiadores, como forma de demonstrar sua própria erudição. Por isso, percebemos a maneira como elas surgem na vida dos intelectuais, sobretudo naqueles que ainda estão em nível de graduação, uma vez que estes fazem uso das notas de forma tímida para que o texto se torne mais apresentável. Nesta fase as notas são vistas, porém, ganham pouca atenção do leitor. Já com o crescimento profissional o seu uso fica mais acentuado e ganha mais atenção dos próprios leitores. Todavia, as notas de rodapé ainda hoje, mesmo com seu grau de importância elevado para a compreensão mais abrangente da obra, são menosprezadas por alguns historiadores, isto devido o fato de muitas vezes vir ao final do capítulo, ou mesmo da obra, também pelo fato de serem utilizadas em fontes pequenas e por gerar uma mudança de foco do leitor, portanto, a partir de maus usos da mesma. No entanto, em muitos trabalhos é nesse espaço que se encontra a maior parte das informações sobre o tema abordado pelo autor além de, muitas vezes, ajudar na indicação de obras relacionadas ao assunto.

Porém, como já dito, outra forma de utilização de notas foi realizado por Napoleão Bonaparte, ao fazer seus comentários sobre *O príncipe*, de Maquiavel, em formato de notas de rodapé. Esta diferente forma de utilização, por sua vez, reflete um caráter tanto de interpretação, como de ação política, que se encontra presente na obra de Maquiavel tanto no seu pensamento político ali exposto, quanto no seu caráter propriamente hermenêutico.

#### **A dimensão interpretativa dos comentários de Napoleão à obra *O príncipe*.**

Napoleão Bonaparte escreveu mais de setecentos comentários na obra de Maquiavel, revelando sua personalidade de líder político. Dentre estes comentários, Bonaparte cita diversas batalhas enfrentadas por ele, apóia e contesta algumas ideias de Maquiavel e expõe sua opinião em relação aos assuntos abordados, atestando um caráter não somente de interpretação, mas, sobretudo, de ação potencial remetidas pelo imperador ao Príncipe.





A forma de utilização das notas de rodapé pelo imperador francês foge do padrão da historiografia. Ao invés de ter um livro escrito separadamente para comentar uma obra, as refutações de Napoleão aparecem em forma de notas. O que percebemos, não obstante, é que tais notas são uma forma de manifestação codificada dos seus pensamentos. Neste sentido, compõem-se de escritos de maneira informal; são opiniões escritas sobre o assunto de forma desinteressada com o público leitor. Era como se escrevesse para si mesmo ou se estivesse dialogando com o próprio Maquiavel.

Exemplo interessante ocorre no capítulo IV da obra “Por que o reino de Dario, ocupado por Alexandre, não se rebelou contra os sucessores deste, após a sua morte”, quando Maquiavel fala da dificuldade existente na manutenção de um Estado recém-conquistado e da autoridade de um monarca, que, no entanto, na sua ausência existiria sempre um ministro ou funcionário do príncipe – não com a mesma estima deste. Napoleão aceita o conselho dizendo: “Ótima ideia! Farei o possível para consegui-lo.” (nota nº 75).

Napoleão se reconhece em várias histórias contadas por Maquiavel. No capítulo VI o autor escreve sobre aqueles que se tornaram príncipes pelo próprio valor, e não pela sorte. Assim o imperador expressa sua identificação com esse tipo de “príncipe”: “Isto me diz respeito” (nota 101). Já em outro capítulo VIII “Os que os atos criminosos chegaram ao governo de um Estado” Napoleão ironiza os escritos de Maquiavel: “Com tais palavras de censura, Maquiavel parece transformar tudo isso em crime. Coitado!” (nota 233).

Napoleão critica a opinião do autor em relação às forças auxiliares, uma vez que Maquiavel afirma que pedir auxílio ao vizinho poderoso para a defesa do Estado é uma atitude inútil, assim como as forças mercenárias: “‘Inúteis’! É uma palavra forte demais. Devemos imaginar o modo de lhes inculcar a ideia de uma incorporação com nossas forças, por meio do estratagema de uma confederação ou anexação ao império maior” (nota nº 339). Levando-se em consideração que o contexto em que Napoleão Bonaparte se encontrava não lhe permitia contar somente com as próprias forças para um empreendimento imperial que lhe possibilitasse a conquista européia, tal nota se





justifica na medida em que, para ele, o auxílio/aliança não somente era possível, como também necessário para a realização de seu objetivo militar.

No capítulo XXIV “As razões por que os príncipes da Itália perderam seus domínios” Maquiavel afirma que em tempos tranquilos, o príncipe adquire um defeito de não se lembrar da tempestade durante a calmaria. Napoleão comenta: “Vejam, como isso acontece: quando conseguem se safar dela, ostentam satisfação e recariam fazer má digestão se abrigassem qualquer inquietação. Ainda que voltassem a ver-me, não queriam acreditar na possibilidade do meu regresso. Sua disposição natural muito se presta aos meus estratagemas” (nota 704).

Tais notas, até então citadas, revelam antes de tudo um caráter hermenêutico da obra de Maquiavel – como de toda obra escrita de um modo geral. Todavia, o que intentamos mostrar com tais análises é que obras de caráter político<sup>85</sup> têm não somente potencialidades interpretativas, mas, sobretudo, de ações propriamente políticas. Manifestos políticos trazem consigo, não apenas reflexões políticas, mas ações de mesmo caráter. No caso específico de Maquiavel, não somente políticos de menor prestígio, ou de atuações mundiais mais discretas, usaram-no como base para ações políticas. O próprio Napoleão Bonaparte – de influência histórica, política e mundial considerável, conforme exposto no primeiro tópico deste trabalho – teve como ponto de reflexão e, especialmente, ação a obra Maquiavel, no presente trabalho analisada. É evidente que, não necessariamente em concordância com o texto refletido, tais ações ocorrem, todavia, mesmo em discordância, a leitura destes influencia em ações políticas de maior ou menor alcance; especialmente em se tratando de textos políticos.

---

<sup>85</sup> Neste caso, *O príncipe*, de Maquiavel, mas poderíamos citar diversos outros clássicos como *O Capital*, de Marx, *A riqueza das nações*, de Adam Smith, *Manifesto do Partido Comunista*, de Marx e Engels, *O espírito das leis*, de Montesquieu, *O contrato social*, de Rousseau, *Leviatã*, de Thomas Hobbes, entre outros.



## Conclusão

A breve análise aqui apresentada do caráter hermenêutico e de ação política da obra *O príncipe*, de Maquiavel, através do estudo dos comentários feitos por Napoleão Bonaparte em forma de notas de rodapé, atesta três conclusões de caráter ainda preliminar: 1) A função histórica, técnica e teórica das notas de rodapé como artifício retórico-argumentativo para análise, contestação, reflexão, e mesmo codificação potencial de ação política; 2) o caráter hermenêutico de reflexão e ação política da própria obra de Maquiavel, que, apesar de sempre ser referida como um manual de ação política, seus comentários recebidos de Napoleão não só reforçam este caráter instrumental, como ainda remetem a uma reflexão epistemológica acerca do uso de textos políticos em caráter de reflexão e, sobretudo, ação política; 3) por fim, ao unirmos as reflexões acerca das funções técnicas e teóricas das notas de rodapé, e do caráter ativo/reflexivo de textos propriamente políticos, podemos concluir que a utilização de notas de rodapé por Napoleão Bonaparte para comentar o texto de Maquiavel revela um caráter funcional/hermenêutico do recurso textual (notas de rodapé), como meio de reflexão, e potencialmente, ação políticas, em âmbito mundial, mas não raramente, em âmbitos locais, regionais e nacionais.

## Referências

- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- GAERTNER, Lisandro. “A história das notas de rodapé”. Rio de Janeiro: 2002. Disponível em: <http://www.digestivocultural.com>. Acessado em: 19/3/2008.
- GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição – pequeno tratado sobre a nota de rodapé*. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe, comentado por Napoleão Bonaparte*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Napoleão Bonaparte: imaginário e política em Portugal (c. 1808-1810)*. São Paulo: Alameda, 2008.



Plurais Virtual

Universidade Estadual de Goiás  
Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas de Anápolis

---

RODRIGUEZ, Ricardo Velez. *Napoleão Bonaparte: imperador dos franceses duzentos anos depois, 1804-2004*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2001.